
O “automatismo mental” e a “erotomania”, segundo Clérambault

Mario Eduardo Costa Pereira

Verdadeiro gênio da observação clínica, já se disse, com razão, que Gaëtan Gatian De Clérambault¹ (1872-1934) teria sido o último dos clássicos. De fato, o grande mestre inscreve sua obra na tradição clássica da psiquiatria francesa, que desde Falret visava isolar e sistematizar as principais entidades nosográficas a partir de um trabalho minucioso de observação e de análise. O momento de seu surgimento na cena psiquiátrica, contudo, é tardio, ocorrendo em um período em que esse tipo de procedimento já começara a ceder espaço às abordagens propriamente psicanalíticas por um lado, e neurofisiológicas, por outro.

Vindo de uma família da nobreza de Touranges, Gatian De Clérambault teve acesso a uma formação aristocrática e erudita. Inicialmente interessado pelo Direito, ele deriva em seguida para a Medicina, e daí para a Psiquiatria.

1. Segundo a feliz expressão de Paul Bercherie ao tratar da obra de Clérambault em sua *Histoire et structure du savoir psychiatrique*, Tournai, Editions Universitaires, 1991, p. 198. Paola Francesconi utiliza esses mesmos termos em sua introdução a G. G. De Clérambault, *Automatismo mentale / Psicosi Passionali*, Chieti, Métis, 1994.
-

Em 1905, obtém o posto de médico adjunto da Enfermaria especial da Prefeitura de Polícia, onde já era interno de Paul Garnier. Em 1921, com a morte de Dupré, ele torna-se médico-chefe daquele órgão público de avaliação e triagem de pacientes.

O trabalho clínico de Clérambault está profundamente marcado pelas condições em que se davam suas observações. Àquela Enfermaria – o famoso Dépôt de Police – eram encaminhados sujeitos em estados agudos de descompensação psíquica para avaliação psiquiátrica e para que se decidisse que destino dar a eles, fosse a guia de internação em um dos hospitais parisienses, fosse a alta, fosse, ainda, o encaminhamento à autoridade policial. A enfermaria dispunha de vinte leitos e estava localizada na Conciergerie da Île de la Cité, em pleno coração da cidade. Por ela passavam mais de dois mil casos anuais aos quais se deveria dar uma derivação o mais rapidamente possível. A tarefa principal dessa instituição não era, pois, terapêutica, mas a expedição de certificados contendo os laudos de avaliação psiquiátrica dos sujeitos a ela confiados.

Esse seria um outro aspecto no qual Clérambault se destacaria: no da preparação de seus laudos. Diversas gerações de psiquiatras franceses foram influenciadas pelo estilo conciso e preciso de seus registros clínicos que se tornaram espécie de paradigmas da apresentação de casos em psiquiatria.

Todas essas habilidades somadas a um carisma pessoal cuidadosamente cultivado fizeram desse homem requintado e misterioso, um mito vivo da psiquiatria de seu tempo.

Dadas essas condições, constata-se que, diferentemente de Kraepelin e dos grandes alienistas que pela longa convivência com seus pacientes tinham a possibilidade de deixar ao tempo a tarefa de sedimentar as observações e de distinguir as transformações no quadro clínico, a Clérambault cabia a difícil missão de investigar o agudo, o momentâneo e dentro dele distinguir o perene e o estrutural.

Os testemunhos sobre sua prática são unânimes em relatar que Clérambault dedicava várias horas do dia a cada paciente e que não os deixava partir sem que houvesse feito uma idéia bastante clara do caso e de seu diagnóstico. Por outro lado, em suas famosas “apresentações de pacientes”, o psiquiatra demonstrava sua incomum habilidade clínica diante de sua platéia totalmente absorvida. Com freqüência, utilizava-se da estratégia de provocar o paciente em certos pontos sensíveis da entrevista, de modo a nele “ativar” certos sintomas, que de outra forma permaneceriam dissimulados.

Seu legado teórico é abrangente, tendo publicado estudos sobre as manifestações psíquicas da epilepsia (sobretudo os estados delirantes agudos de origem epiléptica), dos delírios alucinatórios tóxicos e sobre os delírios coletivos. Contudo, o nome de Clérambault ficará inscrito na história da psiquiatria

principalmente pela descrição da Erotomania e por sua teorização do “Síndrome de Automatismo Mental”.

A erotomania constitui um quadro delirante crônico caracterizado por uma fase inicial na qual o sujeito acredita ser ardentemente amado por uma pessoa, em geral famosa e inacessível, que começa a assediá-lo. O postulado fundamental do processo mórbido é assim formulado por Clérambault: “foi o objeto quem começou, é este quem ama mais ou é o único que ama”. Daí derivam temas secundários, tais como “o objeto não pode ser feliz sem o sujeito desejado” ou “o objeto não pode ter todo seu valor sem o sujeito desejado”. O sentimento que gera este postulado é um misto de orgulho, desejo e esperança: “A evolução e as reações dependem, em sua maior parte, do caráter individual, do grau de moralidade e da educação.”

O quadro delirante desenvolve-se através de três fases: 1) de esperança, na qual o sujeito acredita que seu pretendente irá se declarar abertamente; 2) de desdém, e finalmente 3) de ressentimento e agressividade, onde “o sujeito, impaciente e humilhado, acredita odiar. As lamentações, inicialmente hipócritas, tornam-se sinceras. O sujeito passa a reivindicar. Argumenta a respeito de prejuízos passados, claramente fictícios, e de prejuízos recentes que, embora reais, podem apenas ser imputados a ele mesmo. Resta a esperança inconsciente.” Por vezes, ocorrem atuações imprevisíveis, com risco de agressão e de homicídio contra o objeto.

Na concepção de Clérambault, o grupo das psicoses paranóicas deveria ser dividido em duas sub-categorias: as psicoses passionais de um lado, e o delírio de interpretação, de outro. A erotomania é por ele considerada uma psicose passional, ao mesmo título que os delírios de reivindicação e de ciúmes. Os estados passionais mórbidos estariam ancorados em processos ideativos muito precisos (“o Postulado”), havendo um “conceito diretor único” ligado à aspiração amorosa: “o delirante passional delira apenas no campo de seu desejo”.

Os delírios de interpretação, por sua vez, têm por base um sentimento de desconfiança difuso e generalizado característico do caráter paranóico. Desenvolvem-se em várias dimensões simultaneamente, tendo um perfil mais impreciso e progressivo. “Nenhuma das convicções dos interpretativos são equivalentes às do ‘postulado’. Não há idéia diretora, células-mãe: as convicções explicativas do interpretativo são secundárias a incontáveis interpretações”.

A erotomania em estado “puro” é uma condição psicopatológica relativamente rara. Mais comumente, ela constitui uma manifestação secundária que acompanha uma psicose paranóica crônica ou uma esquizofrenia paranóide.

A partir de 1920, Clérambault passa a trabalhar na descrição clínico-psicopatológica daquilo que chamou de “psicoses com base de automatismo”. Seu objetivo era o de descartar qualquer teoria psicogenética dessas psicoses.

Estas estariam baseadas não em processos ideativos mórbidos (como nas psicoses passionais), mas na instalação de um quadro sindrômico fundamental, derivado diretamente do estado doentio dos neurônios cerebrais, ao qual o conjunto do psiquismo reagiria, dando origem à manifestação psicopatológica complexa.

Assim, o termo “automatismo mental”, tal como empregado por Clérambault, refere-se a esse grupo elementar de sintomas, de natureza sobretudo alucinatório-sensorial que estaria à base de diversos quadros de natureza psicótica. Ele distingue um *petit automatisme*, ou “síndrome de passividade”, do *grand automatisme*, que geralmente o sucede. O primeiro é caracterizado por “bloqueios do curso do pensamento”, sentimentos de “estranhamento” em relação aos próprios conteúdos psíquicos, surgimento na consciência de lembranças não-evocadas e de “palavras impostas”, perplexidades sem objeto e impressão de ter seus pensamentos adivinhados por outrem. Todos esses sintomas deixam no sujeito a angustiante impressão de que seu pensamento está sendo controlado por forças exteriores.

O *grand automatisme*, por sua vez, inclui alucinações verbais com comentários dos atos do paciente, eco do pensamento, sensação de adivinhação, difusão ou de roubo do pensamento, estereotípias gestuais e automatismo sensorial e sensitivo com diferentes alucinações táteis, gustativas e cenestésicas.

Na teoria de Clérambault – o famoso “Dogma” da Escola do Dépôt de Police – esses sintomas seriam diretamente derivados da materialidade dos processos cerebrais doentios. Eles impor-se-iam ao sujeito e constituiriam “o fenômeno primitivo” das psicoses. Seria a personalidade pré-existente, em suas tentativas de lidar com esses processos intrusivos, quem determinaria a patoplastia final do transtorno, mas não sua causa.

A síndrome de automatismo mental seria o ponto de partida para as psicoses alucinatórias crônicas, marca registrada da tradição psicopatológica francesa. Como lembra Bercherie, Clérambault acreditava que, com seus trabalhos, essas psicoses alucinatórias passariam a fazer parte da neurologia.

O caráter mecanicista e linear das idéias de Clérambault, que concebia a síndrome como uma manifestação direta e irreduzível da lesão cerebral, foi duramente criticado por seus compatriotas, particularmente Henri Ey.

Totalmente abandonada nos dias de hoje, o fracasso da hipótese do “automatismo mental” não deve desmerecer o mérito clínico das observações de Clérambault e sua tentativa de elucidação estrutural da psicopatologia das psicoses. É provavelmente o caráter rigoroso de sua clínica que fez Lacan reconhecer em Clérambault, seu “único mestre em psiquiatria”.

Apaixonado pela dimensão do visual, Clérambault dedica-se desde cedo à fotografia, sobretudo no sentido de captar sua grande paixão estética: o drapeado das roupas das mulheres muçulmanas. Com a idade, uma catarata obrigou-lhe a

uma cirurgia ocular mal-sucedida, acarretando-lhe a cegueira. Frustrado e melancólico, Clérambault suicida-se em 1934, deixando atrás de si o legado de uma investigação clínica vigorosa, vasta e instigante.

Os artigos escolhidos para a tradução e publicação neste número da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* são representativos dessas duas principais contribuições de Clérambault no campo da constituição das entidades clínicas: a erotomania e o síndrome de automatismo mental.

O primeiro, “Les délires passionnels: érotomanie, revendication, jalousie (presentation de malade)”, foi publicado em 1921 e fornece uma descrição minuciosa do quadro clínico e da evolução da erotomania, bem como tenta situar os delírios passionais em relação ao conjunto dos estados paranóides, distinguindo-os sobretudo dos delírios interpretativos.

A seguir, o pequeno artigo intitulado “Un cas de psychose hallucinatoire”, de 1909, constitui um documento de natureza histórica, pois nele Clérambault discute uma apresentação de Crinon e acaba realizando um de seus primeiros esforços para descrever a “síndrome de automatismo mental”.

Finalmente, o artigo “Automatisme mentale et scission du moi. (Présentation de malades)”, de 1920, é um dos mais citados da obra de Clérambault. Nele é feita a análise minuciosa de três casos clínicos visando delimitar descritivamente o quadro do automatismo mental e demonstrar sua presença decisiva à base dos delírios de perseguição.

O conjunto desses textos dará ao leitor uma idéia mais clara das posições e concepções de Clérambault, de seu estilo e da importância de sua contribuição.

Bibliografia

- BERCHERIE, P. *Histoire et structure du savoir psychiatrique: les fondements de la clinique – I*. Tournai, Editions Universitaires, 1991.
- BERRIOS, G. *The history of the mental symptoms*. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.
- DE CLÉRAMBAULT G.G. *Oeuvre complète*. Paris, PUF, 1942.
- _____. *Automatisme mentale / Psicosi Passionali*. Chieti, Métis, 1994.
- _____. *Automatisme mental / Paranoia*. Buenos Aires, Polemos Editorial, 1995.
- PICHOT, P. & REIN, W. (ed.). *The clinical approach in psychiatry*. Le Plessis-Robinson, Synthélabo, s/t.
- POSTEL, J. & QUETEL, C. (org.). *Nouvelle histoire de la psychiatrie*. Toulouse, Privat, 1983.
- ROUDINESCO, E. *La bataille de cent ans: l'histoire de la psychanalyse en France*, 2 vols. Paris, Seuil, 1986.